

POLÍTICA
Meneguelli e o palanque de Caiado no ES » 5

REPRODUÇÃO


COLUNA
O ciclo que faz o Brasil parar » 7

DIVULGAÇÃO


ESHOJE2
Arte e afeto dão vida à Casa Mivita » 9

MAX MELLO


Estupro na infância cresce mais de 22% no Estado

Diante da média de 3,4 vítimas por dia no último ano, especialistas explicam como prevenir o crime, quais são os principais sinais e como buscar ajuda » 3



Fenômeno compreende o aquecimento anormal do Oceano Pacífico trazendo impactos para o abastecimento de água, produção agropecuária e encarecendo alimentação



Muay thai capixaba busca 8 cinturões

Lutadores do CT Titans Combat disputam o Muay Thai Brasil Championship, que acontece em Brasília no dia 22 » 8

VOCÊ SABE O QUE É "CORPO" NO VINHO?

Colunista esclarece quais são os diversos fatores que influenciam na percepção » 10

FOTO DA SEMANA



LEONARDO SILVEIRA

Yara Machado Oliveira, de 57 anos, recebeu a chave de sua casa reformada após a conclusão das obras de melhorias habitacionais executadas pela equipe de habitação da Prefeitura de Vitória

EDITORIAL

O legado de um pai presente

Ser pai sempre exigiu afeto e coragem. Mas a paternidade enfrenta um desafio: estamos hoje conectados e sujeitos à distância dentro da própria casa. Telas facilitam a rotina, mas disputam a atenção de quem está ao nosso lado. Nesse cenário, crianças e adolescentes dão sinais de solidão, enquanto adultos reconhecem que já não sabem como alcançar os próprios filhos.

Parte dessa dificuldade nasce de uma confusão: acreditar que prover é o mesmo que estar presente. Garantir alimento, estudo, segurança e oportunidades é dever indispensável, mas não esgota a missão de um pai. Há ausências impostas pelo trabalho; outras acontecem no sofá, quando pai e filho dividem o espaço, mas não a conversa, o olhar ou a atenção. É o abandono silencioso de uma época em que o celular recebe aquilo de que a família mais necessita: tempo.

Presença verdadeira não se mede apenas em horas. Ela se revela na disposição para ouvir, conhecer os medos, acompanhar as mudanças e celebrar as qualidades de cada filho. Educar não pode ser uma sucessão de cobranças. Crianças precisam saber por que são admiradas e sentir que têm em casa um lugar seguro para falar. A palavra de um pai pode fortalecer uma identidade ou aprofundar inseguranças carregadas por anos.

Estar perto, contudo, não significa concordar com tudo. A paternidade responsável exige limites, posição e coerência. Em uma sociedade movida pela satisfação imediata, ensinar a esperar, lidar com a frustração e aceitar um “não” é uma forma profunda de cuidado. Poupar os filhos de todo desconforto não os prepara para a vida; apenas adia o encontro com a realidade. Proteger é necessário, mas preparar é decisivo.

Essa tarefa não deve ser solitária. Criar uma criança requer parceria, diálogo e uma rede de afeto para dividir responsabilidades. Pais e mães não precisam agir de forma idêntica, mas devem compartilhar princípios: atitudes ensinam tanto quanto palavras. O exemplo cotidiano permanece quando os discursos são esquecidos.

É aí que se distingue herança de legado. Bens podem oferecer estabilidade e abrir caminhos, mas são finitos. O legado aparece no caráter, nos valores, na capaci-

dade de respeitar o outro e na segurança de quem aprendeu que amor também é compromisso. O maior patrimônio deixado a um filho não está no que ele recebe, mas na pessoa que se torna.

Também é preciso afastar a fantasia do pai perfeito. Ela produz culpa e paralisia. Pais erram e muitas vezes reproduzem os modelos que conheceram. A diferença está na coragem de reconhecer o dano, pedir desculpas e mudar a rota. Nenhuma idade impede a reconstrução de um vínculo quando existe disposição para recomeçar.

Neste Dia dos Pais, a homenagem mais necessária talvez seja também um chamado. Menos presentes comprados para compensar ausências; mais encontros que não dependam de ocasião. Menos culpa pelo que não foi feito; mais responsabilidade pelo que ainda pode ser construído. Filhos não esperam homens impecáveis. Esperam pais que escolham, todos os dias, estar por perto.

ESPAÇO DO LEITOR

Democracia refém

A democracia depende de partidos políticos fortes, com identidade ideológica, organização e militância ativa. Quando os partidos são sólidos, a sociedade participa mais intensamente da vida política e o debate público ganha qualidade. A criação do Fundo Partidário, embora tenha o objetivo de financiar o funcionamento das legendas, concentrou grande poder nas direções nacionais, que passaram a decidir, quase sem controle interno, a distribuição desses recursos. Infelizmente, no Brasil de hoje, salvo raras exceções, muitos políticos parecem trabalhar apenas em função das próximas eleições. Essa lógica fez com que os partidos passassem a dedicar mais atenção às eleições legislativas do que às disputas pelo Poder Executivo. Quanto maior o número de deputados eleitos, maiores são os recursos do Fundo Partidário, o acesso ao Fundo Eleitoral e o poder de negociação das legendas junto ao governo. Mais uma vez, às vésperas de uma eleição presidencial, assistimos a partidos liberando seus dirigentes e parlamentares para apoiarem candidatos diferentes daquele oficialmente indicado pela legenda, conforme as conveniências políticas e eleitorais de cada momento. O fortalecimento das instituições partidárias cede lugar aos interesses circunstanciais. É triste constatar esse cenário. O Brasil é um país de dimensões continentais, rico em recursos naturais, talentoso em seu povo e profundamente abençoado. Merece uma democracia mais sólida, partidos mais representativos e uma política comprometida com o interesse público e com o futuro da nação.

Luiz Carlos Borges da Silveira

Crianças e natureza

O planeta Terra enfrenta desafios ambientais sem precedentes. Antes de falarmos sobre desmatamento, queimada e escassez de água, devemos cuidar da natureza e ajudar as crianças a se apaixonarem por ela. A empatia vem da convivência! Devemos mostrar às crianças o poder de fazer a diferença. A derrubada da vegetação nativa, frequentemente seguida de queimadas para abertura de pastagem ou plantio direto, pode destruir todo um ecossistema. As queimadas liberam grandes quantidades de gás carbônico na

atmosfera, acelerando o aquecimento global. Sem as árvores, a umidade diminui, alterando o regime de chuvas e reduzindo a recarga dos lençóis freáticos. Com a redução das chuvas e o esgotamento das fontes de água doce, a seca se intensifica, levando à escassez de água potável tanto para o consumo humano quanto para a agricultura. A fumaça das queimadas contém partículas finas que penetram profundamente nos pulmões das crianças, cujo sistema respiratório ainda está em desenvolvimento. Isso pode causar um aumento drástico de casos de asma, bronquite e infecções respiratórias. Com a seca intensa, famílias mais carentes frequentemente recorrem a fontes de água não tratada ou contaminada, resultando em surtos de diarreia, cólera e parasitoses, que são causas significativas de mortalidade infantil. Precisamos preservar o meio ambiente! Devemos mostrar às crianças o poder de fazer a diferença. As pequenas atitudes dão a sensação de pertencimento e responsabilidade.

Cilene Queiroz

Saúde além da mente

O que nomeamos como problema de Saúde Mental é o reflexo de um adoecimento muito maior, há séculos seguimos a cartilha do materialismo, exaltando quem é capaz de esconder seus sentimentos, ridicularizando e infantilizando as dores da alma. A Era da Lógica sequestrou nossa essência em nome da produtividade, do sucesso material, dos egos envaidecidos e uma hora a conta iria chegar. Se pais emocionalmente fragilizados podem contribuir para o adoecimento dos filhos, o que esperar de uma sociedade que enfrenta a mesma realidade? Cabe então a nós mudar o olhar, ir além da mente, recolher todos os fragmentos que nos compõem para tornarmos a ser um. Temos uma grande oportunidade em nossas mãos de reescrevermos nossa própria história e encerrar séculos de dores. Detrás de cada transtorno existe uma história. Não será fácil, mas, sem sombra de dúvidas, é a tarefa que enquanto coletivo necessitamos realizar. Estamos sendo praticamente forçados a expandir o nosso olhar à luz da consciência. Será que seremos capazes de enxergar?

Kempes Macedo

Estupros na infância já avançam 22,7% no Estado

ES somou 1.232 vítimas em 2025; a maior alta ocorreu entre crianças e jovens dos 10 aos 13 anos

GIULIA REIS

redacao@eshoje.com.br

A violência sexual contra crianças e adolescentes continua cercada por um obstáculo que dificulta a punição dos autores e a dimensão real do problema: muitos casos permanecem escondidos dentro de casa, praticados por pessoas próximas da vítima e revelados apenas depois de meses ou anos.

No Espírito Santo, os registros seguiram na direção oposta à tendência nacional. Dados do 20º Anuário Brasileiro de Segurança Pública mostram que 1.232 crianças e adolescentes de até 17 anos foram vítimas de estupro ou estupro de vulnerável no Estado em 2025, contra 1.008 no ano anterior, crescimento de 22,7%. A média é de 3,4 vítimas por dia. No mesmo período, o Brasil registrou queda de 5,5% no número de vítimas dessa faixa etária.

O aumento ocorreu em todas as faixas etárias, mas foi mais intenso entre crianças e adolescentes de 10 a 13 anos. Nesse grupo, o número de vítimas passou de 376 para 493 em um ano, alta de 29,2%.

Embora o Anuário não identifique os fatores que levaram ao crescimento no Espírito Santo, a experiência da Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) indica que o fortalecimento da rede de proteção e a maior conscientização podem estar contribuindo para que mais casos cheguem às autoridades.



DIVULGAÇÃO

“Quando uma criança encontra um adulto que acredita nela, a acolhe sem julgamentos e busca ajuda especializada, as chances de recuperação emocional crescem muito”

VIVIAN SANTOS, psicóloga

“Na experiência da DPCA, percebemos um aumento das denúncias, impulsionado por maior conscientização da população e pelo fortalecimento da rede de proteção. Isso pode refletir tanto maior confiança para denunciar quanto uma identificação mais eficiente dos casos”, afirma o delegado titular da unidade, Marcelo Alencar da Cunha Cavalcanti.

AMBIENTE FAMILIAR

Segundo ele, os abusos geralmente acontecem onde a criança ou o adolescente deveria estar protegido. “A maior parte dos casos ocorre no ambiente familiar ou em locais onde a vítima mantém uma relação de confiança. Em muitos procedimentos, o autor é alguém conhecido, como familiar, padrasto, companheiro da mãe ou pessoa próxima ao núcleo familiar”, destaca.

Após a denúncia, a Polícia Civil aciona a rede de proteção, providencia atendimento especializado e preserva provas para a investigação. Romper o silêncio, porém, ainda é um dos maiores desafios. Por isso, segundo Cavalcanti, é fundamental a atuação integrada dos órgãos da rede.

NÚMEROS NO ES

1.232

Crianças ou adolescentes foram vítimas de estupro em 2025

1.008

Crianças ou adolescentes foram vítimas de estupro em 2024

Onde buscar ajuda

A denúncia pode ser feita por qualquer pessoa, de forma segura. O Disque 100 funciona gratuitamente, 24 horas por dia, aceita denúncias anônimas e encaminha os casos aos órgãos competentes. No Espírito Santo, o Disque-Denúncia 181 também recebe informações anônimas.

O Conselho Tutelar do município onde a vítima reside deve ser acionado quando houver suspeita de violação de direitos. A denúncia também pode ser registrada em qualquer delegacia. Na Grande Vitória, os casos podem ser encaminhados à DPCA e demais serviços de proteção. Em situações de risco imediato, é preciso acionar a Polícia Militar pelo telefone 190.



DIVULGAÇÃO

No ano de 2025, em média 3,4 crianças e adolescentes foram vítimas de estupro a cada dia no ES

Sinais exigem atenção

NEM SEMPRE uma criança ou adolescente consegue contar que está sendo vítima de violência sexual. Em muitos casos, o sofrimento aparece primeiro em mudanças no comportamento, no humor ou na rotina, que podem passar despercebidas.

Segundo a psicóloga Vivian Sérgio dos Santos, especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), não existe um comporta-

mento específico que confirme o abuso. O que chama a atenção é a combinação de alterações persistentes.

Entre os sinais mais frequentes, ela cita isolamento repentino, tristeza, ansiedade, irritabilidade, medo excessivo de pessoas ou lugares, alterações no sono, pesadelos, queda no rendimento escolar e comportamentos sexualizados incompatíveis com a idade. Também podem surgir dores sem causa médi-

ca aparente e sentimentos de culpa, vergonha e medo.

Diante de qualquer suspeita, a orientação é acolher a criança, ouvi-la sem julgamentos e buscar ajuda especializada. “Quando uma criança encontra um adulto que acredita nela, a acolhe sem julgamentos e busca ajuda especializada, aumentam significativamente as chances de recuperação emocional”, afirma Vivian.

Diálogo ajuda a prevenir

CONVERSAR COM crianças sobre o próprio corpo, ensinar que existem limites para o toque e explicar que segredos que causam medo ou desconforto não devem ser guardados ainda é um tema cercado por tabus. No entanto, esse diálogo, quando adequado à idade, está entre as principais estratégias de prevenção.

A psicóloga e neuropsicóloga Jaqueline Amaro Maia explica que a educação voltada à proteção do corpo não tem relação com a sexualização precoce. O objetivo é fazer com que a criança compreenda seus direitos, reconheça situações inadequadas e saiba a quem recorrer caso se sinta ameaçada.

Uma das estratégias dos agressores é impor o silêncio por meio da manipulação e da criação de se-



DIVULGAÇÃO

Psicóloga Jaqueline Maia: “Crianças bem orientadas tendem a reconhecer situações de risco e buscar ajuda com mais facilidade”

gredos. Por isso, ensinar que determinadas situações devem ser compartilhadas com um adulto de confiança pode contribuir pa-

ra interromper a violência.

A escola também desempenha papel importante. Ao perceber mudanças de comportamento, falas ou desenhos preocupantes, professores e equipes pedagógicas devem registrar as informações e comunicar a direção para que os órgãos competentes sejam acionados. A prioridade é preservar a criança, sem pressioná-la a relatar detalhes ou confrontar o possível agressor.

Diante de uma suspeita, o papel da família não é investigar, mas acolher e buscar a rede de proteção. Segundo Jaqueline, acreditar na criança e encaminhá-la rapidamente ao atendimento especializado pode reduzir os impactos do trauma e interromper o ciclo da violência.

Super El Niño ameaça trazer seca severa ao ES

Fenômeno pode reduzir chuvas, secar mananciais e afetar agropecuária capixaba

GIULIA REIS

jornalismo@eshoje.com.br

O fortalecimento do fenômeno El Niño nas próximas semanas acende um alerta para o Espírito Santo. Especialistas acompanham a possibilidade de que o evento evolua para um Super El Niño, cenário associado a mudanças climáticas mais intensas e que, no passado, coincidiu com alguns dos períodos de estiagem mais severos registrados no Estado.

O fenômeno é caracterizado pelo aquecimento anormal do Oceano Pacífico e altera padrões climáticos no mundo.

Para o Ph.D. em Engenharia de Recursos Hídricos, pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), Antônio Sergio Mendonça, o fenômeno já está em curso e pode ganhar força.

“O El Niño já está ocorrendo. É esperado que nas próximas semanas ele se transforme em um Super El Niño, com aumento ainda maior nas temperaturas das águas do Oceano Pacífico. Com isso, a tendência é de alterações climáticas mais graves no Brasil e no Espírito Santo”, afirma.

SECAS HISTÓRICAS NO ESTADO

Segundo o pesquisador, estudos desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental da Ufes apontam



REPRODUÇÃO

“É esperado que nas próximas semanas ele se transforme em um Super El Niño, com aumento ainda maior nas temperaturas das águas do Oceano Pacífico. Com isso, a tendência é de alterações climáticas mais graves no Brasil e no Espírito Santo”

ANTÔNIO MENDONÇA, Ufes

que as secas mais intensas registradas no Espírito Santo nos últimos 50 anos ocorreram durante episódios de Super El Niño, entre 1998 e 1999 e, principalmente, entre 2014 e 2015.

Naquele período, a estiagem atingiu inclusive a Região Metropolitana da Grande Vitória, provocando racionamento de água para a população e a indústria. Córregos e rios secaram em diversas regiões, enquanto produtores rurais enfrentaram perdas expressivas.

“Em janeiro de 2015, durante o Super El Niño de 2014 a 2015, não choveu uma gota d’água em muitos locais do Espírito Santo, inclusive em partes das montanhas”, destaca.

Caso o cenário se repita, os impactos poderão atingir desde o abastecimento de água até a produção agropecuária. A redução das chuvas diminui a disponibilidade hídrica nos mananciais e pode comprometer a qualidade da água, afetando o consumo humano e as atividades econômicas.

Alimentos podem encarecer

UMA EVENTUAL redução das chuvas pode afetar a produção agrícola e refletir no preço dos alimentos, mas os efeitos não ocorrem de forma automática nem atingem todo o país da mesma maneira. A avaliação é do economista Vaner Corrêa, que destaca que a intensidade da estiagem, a capacidade de adaptação do setor produtivo e outros fatores econômicos influenciam os preços.

O primeiro boletim do Painel El Niño 2026/2027, elaborado por órgãos federais, aponta que os impactos sobre a agricultura dependerão da intensidade do evento e das condições climáticas de cada região. O documento reforça a necessidade de monitoramento meteorológico e hidrológico contínuo.

Segundo Corrêa, caso a estiagem comprometa a oferta de alimentos, a tendência é de pressão sobre os preços. “A estiagem reduz a disponibilidade de água para irrigação, compromete a produtividade das lavouras e diminui a oferta de diversos produtos agrícolas. Pela lógica de mercado, quando a oferta cai e a demanda permanece relativamente estável, os preços tendem a subir”, explica.

O impacto depende ainda da duração da estiagem e da capaci-



DIVULGAÇÃO

Secas mais intensas registradas no Espírito Santo aconteceram durante episódios do Super El Niño

“Mananciais podem secar ou ter suas vazões muito reduzidas. Isso pode tornar a água imprópria para diversos usos, cau-

sar mortandade da flora e da fauna aquática e facilitar a entrada de água salgada nos rios próximos ao mar”, explica.

Risco para produção rural

OS REFLEXOS também podem chegar ao campo. Propriedades sem sistemas de irrigação e armazenamento de água tendem a ser as primeiras afetadas, mas, em episódios anteriores, até produtores que contavam com essas estruturas enfrentaram prejuízos.

A escassez de água compromete as pastagens, reduz o alimento para os rebanhos e pode provocar queda na produção de leite, além de afetar diferentes culturas agrícolas.

“A seca pode diminuir a quantidade de capim e de água para alimentação do gado. Como consequência, o gado poderá emagrecer, produzir menos leite e até morrer. Com a redução da produção de alimentos, há uma tendência de aumento de preços para os consumidores”, afirma Mendonça.

Diante da possibilidade de um período mais seco, o pesquisador defende que o Estado intensifique ações de segurança hídrica. Entre as medidas estão o uso racional da água, a redução de perdas nos sistemas de abastecimento, a ampliação da capacidade de armazenamento, a fiscalização do uso dos recursos hídricos e investimentos em reúso de água e dessalinização.

“O Espírito Santo enfrenta secas que não ocorrem apenas em épocas de Super El Niño. Por isso, a preocupação com os recursos hídricos deve ser permanente”, finaliza.



DIVULGAÇÃO

Estiagem compromete oferta de alimentos e preços aumentam

dade de adaptação do setor produtivo. Os preços também são influenciados pelos custos de fertilizantes, combustíveis, energia e transporte, além da taxa de câmbio, da demanda internacional por commodities agrícolas e da disponibilidade de estoques.

Caso a oferta de alimentos caia significativamente, o grupo Alimentação e Bebidas pode pressionar os índices oficiais de inflação. O efeito costuma pesar mais sobre as famílias de menor renda, que destinam parcela maior do orçamento à alimentação e po-

dem precisar substituir produtos por alternativas mais acessíveis.

Apesar do cenário de atenção, Corrêa pondera que ainda não há motivo para prever desabastecimento. “As previsões de redução das chuvas para o segundo semestre merecem atenção, mas não devem ser interpretadas automaticamente como sinônimo de inflação elevada dos alimentos. O cenário recomenda monitoramento permanente, mas não justifica, neste momento, uma expectativa de desabastecimento generalizado”, conclui.

BASTIDORES DA POLÍTICA

Palanque Pazolini 1

Até o fechamento desta coluna, o presidente do Republicanos do Espírito Santo, Erick Musso, discutia o nome para compor a chapa de governador com o PL de Magno Malta. O partido dos Bolsonaro, até então, só queria Maguinha para o Senado, mas começou a pleitear a vice. Pazolini quer um nome de mulher e ficou chateado com o recuo do PSD — para bancar Meneguelli ao Senado —, que já tinha indicado Lívia Vasconcelos. A chapa poderá ser puro-sangue ou composta com o Democrata e o PL.

Palanque de Pazolini 2

Segundo fontes republicanas, o fato de a chapa de Lorenzo Pazolini ter uma mulher faz parte da concepção da campanha, considerando que o Estado tem mais de 52% de mulheres, que seu mandato como prefeito alcançou mais de 500 dias sem feminicídio em Vitória e que o Espírito Santo trava uma luta constante para sair

do topo do ranking de violência contra as mulheres. Os dirigentes do partido fazem contas olhando, sobretudo, para cidades-polo: Grande Vitória, Cachoeiro de Itapemirim, Linhares e Colatina.

Palanque de Pazolini 3

A conversa com o PSD tinha evoluído, mas, após uma reunião com lideranças de grupos adversários e uma conversa com a nacional — leia-se Gilberto Kassab —, houve um novo recuo. A candidatura de Sérgio Meneguelli ao Senado foi bancada para que Ronaldo Caiado conte com um palanque no Espírito Santo.

Palanque Ricardo 1

Toda a mobilização dos partidos que apoiam a reeleição de Ricardo Ferraço (MDB) para governador contou com compromissos que não estão sendo cumpridos. Entre os mais aborrecidos está o deputado federal Amaro Neto, que trocou o Republicanos pelo Progressistas com a promessa de

que comporia a chapa majoritária. O parlamentar esteve na convenção, não sorriu — uma de suas maiores marcas — e saiu antes mesmo das apresentações dos candidatos. Não só ele tem reclamado de traição e fogo amigo na liderança da composição pluripartidária.

Palanque de Ricardo 2

Durante a convenção da Federação União Progressista, respeitando a decisão dos dois partidos, o governador Ricardo Ferraço (MDB), em seu discurso de agradecimento, não mencionou o nome de Rose de Freitas como candidata ao Senado. Mencionou apenas o de Renato Casagrande, após dar as mãos ao vice, Camillo Neves (Progressistas).

Cumpriu

Embora existam ressentimentos na composição pluripartidária em torno do nome de Ricardo Ferraço, a candidata Rose de Freitas e os dirigentes do Podemos e da União Progressista — Gilson Daniel, Da

Vitória e Marcelo Santos — dizem-se gratos e satisfeitos com todos os diálogos mantidos com o governador. Segundo Gilson Daniel, por exemplo, Ricardo mantém rigorosamente todos os acordos. Rose de Freitas (MDB) falou da mesma maneira em relação ao seu projeto de retornar ao Senado.

Falando em Rose...

... com todo o respeito, de Da Vitória ela não terá o voto. Foi essa decisão que motivou os dirigentes da federação a liberarem a militância. Marcelo Santos, porém, segundo Renato e Rose.

Ainda sobre...

... Da Vitória, um dos maiores aborrecimentos do progressista foi a fala de Renato Casagrande, durante a convenção do PSB, sobre o apoio a Lula. A resposta foi em alto (literalmente!) e bom som, com a participação de vuvuzelas e bateria de escola de samba: “Os partidos da Federação União Progressista não apoiam esse

governo e não querem a reeleição de Lula”, disse durante o discurso de abertura da convenção dos partidos.

Master Capixaba

O mercado financeiro capixaba está em polvorosa com a notícia de um rombo da ordem de R\$ 300 milhões envolvendo empresas do Espírito Santo que investiram em uma plataforma. Já teve até executivo dando “arrivederci”! Entendedores entenderão.

Ressaca eleitoral

A primeira ressaca eleitoral está sendo vivida na política e, no Espírito Santo, ainda há bastante a decidir. No palanque “Pazolini governador”, tem presidenciável, mas não tem vice. Já no de “Ricardo governador”, tem vice e senadores, mas não tem presidenciável. No palanque “Helder governador”, tem uma militância imbuída do espírito de reeleição de Lula. Tem presidenciável e chapas completas, mas não competitivas.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

**bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251**

SUA EMPRESA É UMA S.A.?

O calendário das
assembleias já
começou.

➤ A Lei nº 6.404/1976 exige a
publicação das demonstrações
financeiras antes da AGO.

Garanta a segurança
jurídica e a validade
dos seus atos dentro
do prazo.

**PUBLIQUE NO ES
HOJE DE FORMA
ÁGIL E SEGURA.**

ESHOJE®



Do impresso ao digital **a gente te conecta com a notícia.**

HUGO BORGES

João Gualberto
Redação@eshoje.com.br



Wenceslau Braz

A professora e historiadora Adriana Campos tem chamado minha atenção para o fato de eu ter estudado, em meu livro *A Invenção do Coronel: raízes do imaginário político brasileiro*, muito mais os coronéis como personagens do que as estruturas políticas que suportaram o coronelismo brasileiro, como fenômeno sociológico.

Eu acabei percebendo que, antes de me interessar por um processo político, sou, de fato, mais atento à construção de um personagem.

Acabei, a essa altura da minha trajetória intelectual, dando razão à minha amiga, já que acredito que o coronel, como personagem, não está esgotado na política e na vida social brasileira. Ele sobrevive nas heranças que transmitiu aos novos personagens que surgiram na cena política. Basta ver que o personalismo – traço marcante do coronel – ainda é muito forte na política, como muito bem prova a persistência da presença de líderes como Jair Bolsonaro ou Lula.

Aliás, não são os partidos ou os projetos de sociedade que marcam a atuação deles. São, antes, seus traços de caráter e de personalidade.

Eles se descolam dos partidos ou dos movimentos que os fizeram surgir na vida política e se instituem como atores que dominam processos. Se formos para a cena política capixaba atual, podemos dizer o mesmo dos governadores e ex-governadores Paulo Hartung, Renato Casagrande ou Ricardo Ferraço, que marcam seu lugar nos processos eleitorais por seus atributos pessoais, mais do que por seus projetos de sociedade ou por sua vinculação partidária. Os brasileiros votam em pessoas, escolhem nomes, gostam de gestos musculosos e discursos fortes.

Elaborei essas reflexões enquanto lia o interessante livro de memórias de Wenceslau Braz, nosso presidente da república entre 1914 e 1918, intitulado *Esboço de Minha Vida Política*, escrito para a sua família, com

as passagens de sua vida pública que ele julgava dignas de serem lembradas por seus descendentes. Como ele foi longo, morreu em 1966, foi escrevendo aos poucos e ao longo dos anos.

As memórias do ex-presidente não têm o intuito de mostrar os embates partidários que enfrentou, nem de chamar a atenção para o estadista que foi, como costumam fazer os políticos já longe do poder. Antes de tudo, quis mostrar um homem ponderado, equilibrado e conciliador. Um político que evitava enfrentamentos e honrou a fama dos mineiros na astúcia política. Foi presidente de Minas Gerais antes de ser do Brasil e teve toda a sua vida política formatada no território cultural das Minas Gerais.

Mesmo sem entrar em grandes detalhes da vida política e partidária de sua geração, vemos como os movimentos dos velhos coronéis na Primeira República eram todos marcados por fortes presenças individuais. Não há menções a movimentos sociais, a revoltas populares, mesmo sabendo que, em sua

gestão, ocorreram as grandes greves puxadas pelos anarquistas em 1917, a Revolta da Chibata – que ele massacrrou com impiedade – e até mesmo a participação na Primeira Grande Guerra Mundial. Os casos ficaram restritos aos gabinetes das grandes autoridades.

Os nomes que surgem são os de Rui Barbosa, Arthur Bernardes, Delfim Moreira e outros contemporâneos seus, aos quais se refere por suas destacadas posições públicas. As mulheres são sempre citadas por suas qualidades de boas esposas, que cuidam da casa e da educação dos filhos. Quase todos os casais tinham muitos filhos, grandes personagens das sombras, dos espaços invisíveis de poder, o que era, aliás, bem típico do mundo dos coronéis. As mulheres ainda não participavam da vida pública em nossa sociedade.

O Brasil que caiu no colo de Wenceslau Braz, o político mineiro provinciano e astucioso, era predominantemente agrário, estruturalmente concentrador de terra e renda, que só abolira a escravidão havia 26 anos, administrado por um con-

sórcio de oligarquias regionais em constante conflito e disputa, e tutelado por militares positivistas e golpistas. Era, portanto, uma gestão feita por poucos, de uma democracia ainda incipiente; por isso, os atributos de caráter contavam tanto. Hoje, distantes desse mundo e mergulhados em maior complexidade, ainda continuamos com os traços do personalismo.

Um outro detalhe desses mesmos coronéis era o grande espírito empreendedor privado. O próprio Wenceslau fundou a Companhia Industrial Sul-Mineira e a ela retornou ao fim de sua presidência. A companhia acabou por criar um banco e uma empresa fornecedora de energia elétrica, mostrando o espírito criativo naquela altura do nosso capitalismo. Os coronéis também eram portadores do progresso.

Enfim, trata-se de um trabalho original para entender como funcionavam os coronéis no apogeu de seu poderio e também para vermos os principais traços que deixaram marcados até hoje no imaginário social brasileiro.

COLUNA FEU ROSA

Os biscoitos

Dia desses, contemplando o nosso país, fiquei a recordar uma propaganda que fez parte da infância de minha geração. Aparecia na tela uma criança, às mãos um apetitoso pacote de biscoitos, a perguntar se os produtos da marca Tostines vendiam muito porque estavam sempre fresquinhos ou se estavam sempre fresquinhos porque vendiam muito.

Olho pela janela e vejo categorias as mais diversas negligenciando seus deveres porque não estariam sendo valorizadas. A população, em uma reação natural, passa a valorizá-las cada vez menos, desanimando-as mais e mais em um círculo vicioso pavoroso e sem fim à vista.

Vejo nosso país desestimulando - e eis algo histórico - os empreendimentos nacionais. Nossos empresários começam a investir mais e mais no exterior. Ou a não investirem em lugar nenhum. Nossa economia piora e os incentivos à produção vão ficando cada vez mais escassos, reiniciando outro círculo vicioso de mediocridade e recessão.

Nossos consumidores, a cada dia mais desalentados com a qualidade e o preço do que lhes é oferecido, passam a comprar menos produtos de empresas que vão, então, cortando em diversidade e qualidade - e realimentando um sério círculo vicioso de decadência.

Penso no sucateamento de nossa infraestrutura - e nos entraves que cria à geração de riquezas. Menos recursos, menos investimentos - e novamente menos recursos. E assim seguimos em frente, po-

rém nunca para a frente. Eis aí outro círculo vicioso medonho, igualmente sem grandes perspectivas de melhora.

Lanço um olhar sobre a impunidade. Vejo nossas instituições em franco recuo na luta contra o mal - que, então, aumenta em intensidade, impondo derrotas ainda mais humilhantes a um povo cuja descrença só faz crescer. O que apequena ainda mais nosso quadro institucional - e reinicia um círculo vicioso deplorável ainda sem data marcada para terminar.

Retorno à propaganda de biscoitos. Fico a pensar se não estamos realizando o seu oposto: vendem pouco porque não estão fresquinhos e nunca estão fresquinhos porque vendem pouco. Até que não se venda nenhum - ou que a fábrica feche suas portas.

Quebrar estes círculos viciosos é um dos grandes desafios do Brasil de hoje. Alguém tem que dar um passo - um passo de fé. Afinal, como dizia Câmara Cascudo, "o Brasil não tem problemas, só soluções adiadas".

PEDRO VALLS FEU ROSA
Desembargador do TJES

ARTIGO

Brasil x Argentina

Os últimos dias foram marcados por mais um capítulo da rivalidade política entre Brasil e Argentina. Durante sua visita ao Brasil, o presidente argentino Javier Milei fez declarações que desagradaram o governo brasileiro e o presidente Lula. Houve reações diplomáticas e ressurgiram acusações mútuas de interferência nas eleições um do outro.

Como apaixonado por estatísticas e futebol, resolvi fazer uma brincadeira: colocar Brasil e Argentina em campo e comparar indicadores. Uns sérios, outros nem tanto. Afinal, rivalidade também pode ser motivo para bom humor.

O Brasil abre o placar com 8,5 milhões de km² contra 2,8 milhões da Argentina. Brasil 1 x 0. Na população, somos 213 milhões contra 46 milhões. Brasil 2 x 0.

Nosso PIB é de US\$ 2,3 trilhões, enquanto o argentino está na faixa de US\$ 680 bilhões. Brasil 3 x 0. Eles diminuem a diferença na renda per capita. Brasil 3 x 1. O Brasil amplia com maiores reservas e menor inflação. Brasil 5 x 1.

No segundo tempo, a Argentina cresceu. No IDH e no Índice de Gini, eles marcam dois gols. A expectativa de vida é maior e a mortalidade infantil, menor. Empate: 5 x 5.

Na educação, a alfabetização e a escolaridade média também são superiores. Virada: Argentina 7 x 5. Eles ampliam com cinco Prêmios Nobel e o fato de já terem tido um papa. Argentina 9 x 5.

A brincadeira revela: em tamanho e força econômica, o Brasil leva vantagem; nos indicadores sociais e na qualidade de vida, vence a Argentina.

Mas, como bom brasileiro, vou forçar a bar-

ra. Temos cinco Copas do Mundo, Pelé é o Rei do Futebol, títulos de Fórmula 1 e o maior carnaval do planeta. Empate: 9 x 9.

Na prorrogação, a Argentina marca pelo consumo de vinho per capita. Argentina 10 x 9. O Brasil responde com a maior floresta tropical. Brasil 10 x 10.

A partir daí, tudo virou empate: quem discute mais futebol, reclama mais do governo, tem mais orgulho do país, faz o melhor churrasco e mais brincadeiras com o vizinho.

O juiz encerra a partida. Placar final: Brasil 15 x 15 Argentina.

No fim, Brasil e Argentina parecem dois irmãos. Discutem para descobrir quem é o melhor. Brigam por futebol, política, economia, churrasco e vinho.

Mas continuaremos vizinhos. Vizinhos inteligentes competem nos esportes, defendem suas ideias, mas cooperam quando interessa aos dois lados.

A rivalidade faz parte da nossa história. A parceria deveria fazer parte do nosso futuro.

Somos as duas maiores economias da América do Sul. E, gostemos ou não, continuaremos sendo, antes de tudo, "hermanos".

LUCAS IZOTON

Engenheiro e empresário

Do ES para Brasília em busca do cinturão

Lutadores do Centro de Treinamento Titans Combat, na Serra, competem no dia 22 de agosto no Muay Thai Brasil Championship

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
redacao@eshoje.com.br

Com oito capixabas disputando cinturões em diferentes categorias, o Muay Thai Brasil Championship (MBC) acontece em Ceilândia Norte, no Distrito Federal, em Brasília. O evento está marcado para o próximo dia 22 de Agosto.

Os lutadores fazem parte do CT Titans Combat, localizado em duas sedes no município da Serra, e são liderados pelo Kru Whashington Pessin.

Os atletas na disputa do MBC são: Lázaro – Cinturão Amador até 64 kg; Vinícios – Cinturão Semi-profissional até 59 kg; Uélio – Cinturão Semi-profissional até 75 kg; Dododi – Cinturão Profissional até 64 kg; Allef Magrão – Cinturão profissional até 81 kg; João Lira – Cinturão Semi-profissional até 92 kg e André – Cinturão Semi-profissional até 69 kg.

Além deles, a capixaba Raielly vai disputar um GP de quatro atletas valendo o cinturão amador até 59 kg.

Entre os destaques, Allef Magrão e Dododi se preparam para a disputa de cinturões profissionais, enquanto Whashington Pessin comanda a equipe.

VOLTA POR CIMA

Vindo de derrota, Allef Magrão disse para si mesmo que não iria mais lutar esse ano, e focaria em treinar sua equipe, até chegar a oportunidade de competir no Muay Thai Brasil Championship e dis-



Destaques capixabas, Allef Magrão (esquerda) e Dododi lutam pelo cinturão em suas categorias

putar o cinturão profissional até 81 kg. "Será uma superação para mim", afirmou.

Conhecido como Magrão, tem o cartel de 24 vitórias e 4 derrotas, é vice-presidente da Liga de Muay Thai Tradicional Capixaba, multicampeão nacional e estadu-

al de Muay Thai, é campeão do Haidar Champion Combat (HCC), maior evento de MMA do Espírito Santo.

Allef se considera um atleta completo e pode se adaptar de acordo com o que o adversário propõe. "O que ele quiser tentar,



DIVULGAÇÃO

Dododi aposta na preparação física e mental

JORGE NASCIMENTO, Apelidado quando bebê pela mãe como Dododi, tem 30 vitórias e 2 derrotas no cartel, e vai disputar o cinturão profissional até 64 kg do MBC.

Sua preparação para a luta tem variado entre Muay Thai e o treinamento funcional, ajudando na preparação física e potência nos golpes. "Acredito que essa união é muito benéfica para o meu desempenho", revelou.

Dododi afirma que a peça-chave para sair com a vitória é o psicológico. "O mental é o grande aliado quando se usa positivamente. Porque é uma linha tênue entre ajudar e atrapalhar", garantiu.

Experiência de 27 anos à frente da equipe

WHASHINGTON PESSIN, Kru da Titans Combat (título dado ao professor da academia), é Presidente da Liga de Muay Thai Tradicional Capixaba.

Há 27 anos ensinando Muay Thai no município da Serra. Para ele, ter oito atletas disputando cinturões em Brasília é mérito desse trabalho longo. "É bem gratificante, mérito de um trabalho, de alguns anos de trabalho", afirmou.

Além da técnica apurada, Whashington define que 80% de um atleta é psicológico. Por isso, mantém uma relação de amizade com seus alunos, e isso será o diferencial dos seus atletas para as disputas. "Para mim, a principal qualidade é essa harmonia que temos, atinge diretamente a parte psicológica dos meninos", revelou.

Capixaba vence a Copa Brasil de Kart

O KARTISTA capixaba Joaquim Emerick conquistou, no último sábado (2), o título da categoria Mini da 27ª Copa Brasil de Kart, disputada no Kartódromo de Imperatriz, no Maranhão. Com o resultado, o piloto garantiu classificação para o Rok Super Final, uma das competições mais importantes do kartismo mundial, que será realizada em outubro, na cidade de Lonato, na Itália.

Joaquim chegou à decisão como um dos favoritos após conquistar a pole position. Nas baterias classificatórias, terminou a primeira corrida na segunda colocação e ainda registrou a volta mais rápida. Na segunda prova, um toque logo após a largada comprometeu seu desempenho,

mas o capixaba conseguiu se recuperar e cruzou a linha de chegada em sexto lugar, mantendo chances de disputar o título.

Na corrida decisiva, o piloto largou em quarto e chegou a cair para a sexta posição nas primeiras voltas em meio às disputas no pelotão. A reação começou rapidamente: já na quarta volta, Joaquim ocupava novamente o segundo lugar e passou a pressionar o líder da prova.

A ultrapassagem que definiu o campeonato veio na 14ª volta. O capixaba assumiu a liderança e manteve a ponta até a bandeirada, garantindo o título da categoria Mini e a vaga na competição internacional.

"Primeiramente eu quero agra-

decar a Deus e também à Múltipla, minha patrocinadora, que sempre confia em mim. Foi um resultado muito importante para minha equipe, para mim e para minha família. Quero agradecer também todo o apoio dos meus familiares e amigos, que estão sempre na torcida por mim. Foi uma corrida muito difícil, mas eu não desisti e consegui chegar na frente", comemorou Joaquim.

Além do título da Copa Brasil, o piloto segue com a temporada em alta e já mira os próximos desafios do calendário, entre eles o 61º Campeonato Brasileiro de Kart, a Copa São Paulo Light e a disputa do Rok Super Final, na Itália, onde representará o Brasil após a conquista em Imperatriz.



DIVULGAÇÃO

Com o título, Joaquim Emerick garantiu vaga para o mundial

Arte e arquitetura dão alma à Casa Mivita de Max Mello

Na CASACOR, arquiteto propõe um morar marcado por cores, arte, afeto e identidade

GIULIANO DE MIRANDA
giulianohistoria@hotmail.com

Com mais de três décadas de atuação em arquitetura e design de interiores, o arquiteto Max Mello é um dos nomes mais experientes da CASACOR Espírito Santo. Diplomado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 1989, ele retorna à mostra em sua 13ª participação, assinando a Casa Mivita, um dos ambientes de maior dimensão da edição de 2026.

O projeto reúne galeria de arte, apartamento-conceito e lounge de eventos em uma proposta que se distancia do minimalismo padronizado para defender uma arquitetura centrada na identidade, na memória e na experiência do morar. Com uma paleta de cores profundas, soluções tecnológicas discretamente incorporadas aos espaços e curadoria artística da Galeria Matias Brotas, o ambiente propõe uma reflexão sobre a casa como extensão da história e da personalidade de seus moradores.

Ao longo da carreira, Max Mello consolidou sua atuação nos segmentos residencial, comercial e institucional, participando de importantes mostras nacionais, como CASACOR, Artefacto e Decora Líder. Também acompanha as principais tendências internacionais por meio de feiras e congressos rea-



Max Mello retorna à CASACOR em sua décima terceira participação, assinando a Casa Mivita

lizados em cidades como Milão, Bolonha e Frankfurt, experiência que dialoga com sua produção contemporânea sem perder de vista as características do morar brasileiro.

ENTREVISTA

1. Como sua trajetória de mais de 30 anos se reflete na Casa Mivita?

Desde o início da minha carreira, venho trabalhando com a arquitetura de interiores aliada à arquitetura de casas, residências e apartamentos. É uma vasta experiência lidando com famílias de diferentes classes sociais e com variadas demandas. Ao longo dos anos, venho observando o comportamento das pessoas, suas preferências, suas exigências e necessidades, além do que funciona ou não no dia a dia de uma casa. Ao compor o layout de um projeto, procuro levar em consideração todos esses fatores para tornar o ambiente fluido, acolhedor, prático e, ao mesmo tempo, elegante.

Especificamente no projeto da Casa Mivita, procurei imprimir a minha marca: projetos cheios de lógica e funcionalidade, aliadas a referências de minhas próprias memórias afetivas, da minha história de vida e do cotidiano capixaba.

Tons terrosos, cores profundas e vibrantes, além de superfícies com texturas variadas, como rochas brutas, madeiras escuras, pedras exóticas e objetos de cerâmica e argila, compõem uma paleta marcante, que faz fortes referências à nossa cultura capixaba e à memória afetiva coletiva.

O resultado foi um projeto cheio de personalidade, um ambiente com “cara de casa”, com o qual os visitantes se identificam de imediato.

2. Qual é o papel da arte na concepção de seus projetos arquitetônicos?

É um projeto cheio de personalidade não poder deixar de ter obras de arte pontuadas em todo o percurso. Para isso, busquei a curadoria da Galeria Matias Brotas, que gentilmente me cedeu peças de cores intensas e de forte impacto visual, que dialogaram perfeitamente com a paleta de cores e materiais do ambiente. Cada obra fala por si e traz uma mensagem específica para o subconsciente do visitante.

A minha relação com a arte vem de longa data. Desde os 5 anos de idade, eu gostava de desenhar nas paredes e no chão da minha casa com giz de cera. Eram verdadeiros murais, que deixavam meus pais enlouquecidos! Na adolescência, troquei o giz de

“Desde a abertura, tenho ouvido relatos sinceros de pessoas que exclamam que gostariam de morar naquele lugar”

cera pelo lápis, pelo nanquim e pelo papel Canson, até que me encontrei na faculdade de arquitetura, que ampliou meus horizontes do desenho artístico para o desenho técnico e a fotografia, uma paixão e um hobby.

3. De que forma as experiências internacionais influenciam seu trabalho?

Sempre que viajo pelo Brasil ou para o exterior, procuro ter esse olhar apurado para as diferentes manifestações de arte. Não somente faço questão de visitar museus e galerias, como também observo a arte nas praças, nos palácios, nas igrejas e até mesmo nas manifestações culturais de rua. Consequentemente, procuro introduzir nos meus projetos diferentes formas de arte, pois, desde o início da história da humanidade, arte e arquitetura sempre caminharam juntas. E não poderia ser diferente nos meus projetos.

Cada ambiente que imagino na fase de projeto inclui uma obra de arte, seja na parede, no piso ou em uma escultura que traga uma reflexão para o morador e que reflita sua alma, sua personalidade.

4. O que torna a Casa Mivita diferente dos demais ambientes da mostra?

Talvez seja em função do apelo sentimental que o meu projeto provoca nos visitantes que a Casa Mivita se tornou um diferencial em relação aos demais ambientes da CASACOR Espírito Santo, edição de 2026. Desde o primeiro dia de abertura, venho ouvindo relatos sinceros de pessoas que exclamam que gostariam de morar naquele lugar, que adorariam levar um pedacinho daquele ambiente para casa e até mesmo adquirir alguns dos objetos e mobiliários expostos lá.

Ouvir essas manifestações sinceras e espontâneas me traz uma satisfação profunda e a sensação de dever cumprido, pois o meu trabalho transcende o campo visual e lógico para penetrar na alma, no sentimento e no coração das pessoas, trazendo impressões e experiências marcantes.



FELIPE ARAÚJO

“Cada ambiente que imagino na fase de projeto inclui uma obra de arte, seja na parede, no piso ou em uma escultura que traga uma reflexão para o morador e que reflita sua alma, sua personalidade”

MAX MELLO, arquiteto



MAX DE MELLO

Ideia é pensar a casa como extensão da história dos moradores

Carne de sol é tradição com alma

Produto artesanal dialoga com ingredientes do Estado e ganha a mesa sem disputar a tradição nordestina



RICARDO BODEVAN
@chefbodevan

Existe um velho ditado na gastronomia que diz que “o tempo também é um ingrediente”. Ela não depende apenas de boa matéria-prima; depende de paciência, técnica, conhecimento e respeito pelo alimento.

Quando ouvimos falar em carne de sol, nossa memória nos leva ao Nordeste brasileiro, onde esse método de conservação nasceu antes da refrigeração. A salga e a secagem parcial eram uma necessidade, mas acabaram criando um dos sabores mais marcantes da culinária nacional.

O que muita gente ainda não sabe é que o Espírito Santo também vem escrevendo sua história com a carne de sol. Produtores capixa-

bas têm investido em processos artesanais, controle de qualidade e excelentes cortes bovinos para produzir uma carne que não pretende competir com a tradição nordestina, mas apresentar uma identidade própria.

Após a escolha dos cortes, a carne recebe a quantidade ideal de sal e permanece em descanso para que o tempero penetre de maneira uniforme. Em seguida, passa por uma secagem controlada, suficiente para concentrar sabores e preservar a textura, sem retirar sua suculência.

Ela conversa com ingredientes da identidade capixaba, como aipim amanteigado, banana-da-terra caramelizada, queijo artesanal, palmito pupunha grelhado ou legumes das montanhas do Estado.

É curioso perceber que aquilo que surgiu como necessidade de conservação hoje representa o oposto: um alimento produzi-

do sem pressa. O sal precisa agir. O descanso precisa acontecer. A secagem exige paciência. O resultado carrega sabor, história e identidade.

RESPEITO AO INGREDIENTE

Como cozinheiro, acredito que os melhores pratos não são necessariamente os mais sofisticados, mas aqueles que respeitam o ingrediente principal. A carne de sol pede exatamente isso: preparo simples, calor intenso, poucos temperos e bons acompanhamentos. Ela brilha sozinha.

Que o Espírito Santo continue valorizando seus produtores, incentivando a gastronomia artesanal e mostrando que também sabe transformar técnicas tradicionais em produtos de excelência. Afinal, cozinhar é preservar histórias, celebrar encontros e criar memórias que permanecem depois que a mesa é desfeita.

CARNE DE SOL CAPIXABA NA MANTEIGA DE GARRAFA COM CREME DE AIPIM, BANANA-DA-TERRA GRElhADA E CEBOLA ROXA CARAMELIZADA

Ingredientes : Para a carne

- 1 kg de carne de sol dessalgada (contra-filé, alcatra ou chorizo)
- 2 colheres de sopa de manteiga de garrafa
- 2 dentes de alho levemente amassados
- PIMENTA-DO-REINO moída na hora

Para o creme de aipim

- 1 kg de aipim cozido
- 250 ml de leite
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 100 g de queijo meia cura ralado
- SAL (se necessário)

Para a finalização

- 2 bananas-da-terra maduras cortadas ao meio
- 2 cebolas roxas fatiadas
- 1 colher de sopa de manteiga
- AÇÚCAR mascavo (uma pitada)
- CHEIRO-VERDE picado
- FLOR de sal (opcional)

Modo de fazer:

1. Comece preparando o creme de aipim. Bata o aipim ainda quente com o leite, a manteiga e o queijo até obter um creme liso e aveludado. Reserve aquecido.
2. Em outra panela, caramelize lentamente a cebola roxa com a manteiga e uma pitada de açúcar mascavo, mexendo até adquirir coloração dourada e



sabor adocicado.

3. Grelhe as bananas até que fiquem bem douradas.
4. Aqueça uma frigideira de ferro até ficar bem quente. Acrescente a manteiga de garrafa e sele a carne por aproximadamente três minutos de cada lado, dependendo da espessura. Finalize com o alho apenas nos últimos minutos para que perfume a manteiga sem queimar.
5. Deixe a carne descansar por cinco minutos antes de fatiá-la.
6. Monte o prato espalhando

uma camada generosa do creme de aipim, disponha as fatias da carne sobre ele, acrescente as bananas grelhadas e a cebola caramelizada. Finalize com cheiro-verde fresco e, se desejar, algumas lascas de queijo curado capixaba.

7. Sirva acompanhado de uma salada de folhas verdes ou de legumes grelhados e, para harmonizar, uma cerveja artesanal capixaba bem gelada ou um bom vinho tinto de médio corpo.



COLUNA DO VINHO

GUSTAVO DEBORTOLI)) @gustavodebortoli

O que significa "corpo" num vinho?

Quando começamos a explorar mais a fundo o universo do vinho, uma expressão bastante comum – e diferente – surge nas conversas sobre o tema: “este é um vinho de corpo leve”, “corpo médio” ou “encorpado”.

DIVULGAÇÃO



Mas o que, afinal, significa “corpo” quando falamos de vinho? Uma boa forma de exemplificar o corpo em um vinho, é enxergá-lo da mesma forma que em uma pessoa. Uma maneira simples de descrever a sensação de peso e volume que a bebida provoca na boca.

Imagine a diferença entre água, leite e creme de leite. Todos são líquidos, mas cada um transmite uma sensação diferente ao ser degustado. Com o vinho ocorre algo semelhante. Um vinho de corpo leve parece mais delicado e fluido, enquanto um vinho encorpado oferece uma sensação de maior densidade, preenchendo o paladar de forma mais intensa.

Diversos fatores influenciam essa percepção: o teor alcoólico – vinhos com maior graduação costumam parecer mais “cheios” na boca – a concentração natural das uvas, o processo de vinificação e até o tempo de amadurecimento contribuem para formar a estrutura do vinho. É por isso que um Pinot Noir, em geral, transmite uma sensação muito diferente de um Malbec, embora ambos sejam tintos.

Mas é importante desfazer um mito bastante comum: corpo não é sinônimo de qualidade. Um vinho leve não é inferior a um encorpado, assim como um vinho potente não é automaticamente melhor. Cada estilo possui sua própria personalidade e seu momento ideal. Em um almoço num dia mais quente, um tinto

mais delicado pode proporcionar muito mais prazer do que um vinho extremamente estruturado. Da mesma forma, em uma noite fria acompanhada de carnes assadas, um vinho encorpado pode revelar todo o seu potencial.

O corpo também influencia diretamente a harmonização. Pratos leves costumam combinar melhor com vinhos leves, preservando o equilíbrio da refeição. Já preparações mais intensas, como carnes de cozimento lento, risotos ricos ou queijos maturados, pedem vinhos capazes de acompanhar essa mesma intensidade sem desaparecer à mesa.

Existe ainda outro aspecto bastante interessante relacionado ao corpo: a percepção pode variar de pessoa para pessoa. A experiência, o hábito de degustar e até o contexto em que o vinho é servido influenciam a maneira como interpretamos sua estrutura. Com o tempo, o paladar passa a identificar essas diferenças com mais facilidade, tornando cada degustação mais rica e consciente.

No fim das contas, falar sobre o corpo de um vinho é falar sobre equilíbrio. Não existe um estilo superior ao outro, mas sim vinhos que se adaptam melhor a determinadas ocasiões, pratos e preferências. Quanto mais conhecemos essas características, mais percebemos que o verdadeiro prazer do vinho não está em escolher o rótulo mais intenso, e sim aquele que melhor combina com o momento.

ORGÃOS PÚBLICOS DO ES:

Garanta total
conformidade e
ampla publicidade
com o ESHOJE.

- A Lei nº 14.133/2021 exige a publicação em jornal de grande circulação.



Atendimento ágil, segurança jurídica
e total conformidade legal.

ESHOJE[®]   

Do impresso ao digital a gente te conecta com a notícia.

A AUTORIDADE DA SUA MARCA NO LUGAR CERTO!

Tecnologia, ESG, logística,
construção sustentável,
educação superior e inovação.
Os temas que transformam o
Espírito Santo são pautas na
coluna economia & mercado.



Vamos construir
a próxima pauta
juntos?



CONECTE-SE COM ESHOJE

ESHOJE[®]



Do impresso ao digital a gente te conecta com a notícia.